



Espaços Não Escolares e a Educação Permanente como possibilidade da Autenticidade do Ser Humano

Eliza Fernandes Moreira¹; Francieudo da Silva Torres²; José Roberto Moura Rolim³; Ronney Costa de Moraes⁴

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar aspectos da educação na atualidade, discorre sobre as propostas para a educação permanente e os desafios na era tecnológica, a pedagogia na contemporaneidade dentro e fora da escola e o seu papel em espaços não escolares. Fundamenta-se teoricamente em Paulo Freire (2018), Werneck (2019) e Paiva Neto (2024), entre outros. Este trabalho se justifica a partir do momento em que se discutem os aspectos a valorização da educação, a participação da família dentro do processo de ensino e pretende, portanto, servir como parâmetro junto aos pais que poderão se conscientizar do seu papel na aprendizagem dos filhos. Sendo uma pesquisa bibliográfica, desenvolveu-se a partir do estudo teórico-bibliográfico.

Palavras-chave: Pedagogia, Contemporaneidade, Tecnologia, Educação.

Non-School Spaces and Permanent Education as a possibility for the Authenticity of the Human Being

Abstract: The present work intends to present aspects of education today, it discusses the proposals for permanent education and the challenges in the technological era, contemporary pedagogy inside and outside the school and its role in non-school spaces. It is theoretically based on Paulo Freire (2018), Werneck (2019) and Paiva Neto (2024), among others. This work is justified from the moment in which the aspects of valuing education and family participation within the teaching process are discussed and intends, therefore, to serve as a parameter for parents who will be able to become aware of their role in their children's learning. Being a bibliographical research, it was developed from theoretical-bibliographical study.

Keywords: Pedagogy, Contemporary, Technology, Education.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte UERN ;e em Ciência da Religião pela Universidade Estadual Vale do Acaraú UVA. Mestrado Interinstitucional em Ciências da Educação pela World University Ecumenal;

2 Mestre em Ciências da Educação pela Universidad Autónoma de Asunción, Especialista em Educação Musical pela Universidade Candido Mendes e Bacharel em Música (violoncelo) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

3 Graduado em Ciências da Religião pela Universidade Estadual do Rio Grande do Norte – UERN. Especialista em História das Religiões pela Educaminas. Vice coordenador do GRUPECOM (Grupo de Pesquisadores do Pensamento Complexo). revistafohadamata@gmail.com;

4 Graduação em Filosofia pela - Faculdade Batista Brasileira (FBB) e em História pelo - Claretiano Centro Universitário (CEUCLAR) . Mestrado em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutorando em Ciências da Educação pela World University Ecumenical (WUE).

Introdução

O aprendizado se faz presente na vida do ser humano desde os tempos mais remotos e ao longo da história é possível constatar a sua dinâmica. Não é viável ter de maneira autêntica um verdadeiro aprendizado se resumirmos todos a um conceito, a uma única maneira de se estabelecer no mundo, ou a um número, que tende a seguir os padrões impostos pelos interesses econômicos ou de uma política egocêntrica. Que não se importa com o bem comum, mas com os seus privilégios, suas ostentações, alimentados por seu vazio, por anular as pessoas. A educação bancária assinalada por Paulo Freire encontra-se ainda hoje fortalecida por nossas instituições, impedindo o livre pensamento. Antes nos oferece prisões, ilusões e reflexões superficiais.

Diante do constatado é que este artigo se propõe elencar reflexões que aponte para a autonomia do indivíduo, pois, somente a partir de seres conscientes de si mesmos é que conseguisse-a alcançar a sua plenitude, se indignar com o oferecido e criar novas alternativas. Por isso, é necessário educar para libertar, não no sentido de se vingar, oprimir o opressor, mas de tirar proveito do bem, da construção de seres autênticos. Deste modo é que a educação necessita se ampliar, apesar de ela ser realizado de modo significativo na escola, não se pode torná-la circunscrita a este espaço.

Pode-se aprender no cotidiano, na própria rotina, e em acontecimentos simples muitas das vezes se escondem grandiosas lições. A família é também responsável de maneira significativa por nossa formação, nela encontramos o primeiro ato de socialização. Como a diversos espaços que possibilite a aprendizagem fizemos menção de destacar dois, a saber: o contato com a natureza e a formação permanente. Deste modo, é preciso mencionar que ambas se caracterizam por valorizar a autonomia do indivíduo.

Sendo a primeira motivo de ampliar a forma que temos de aprender, enquanto a segunda esboça a garantia do que precisamos. Já que desde o nascimento até a velhice o ser humano encontra-se em processo de aprendizado, faz-se necessário dar-lhes condições, um meio favorável afim do seu estabelecimento como pessoa, livre e prospera. Ocupada mais com a sua natureza, ao invés do enriquecimento dos poderosos, livre para pensar na vida, autêntico por si encontrar com sigio mesmo. Somente quando tivermos a inteireza do indivíduo é que se promoverá a dignidade humana.

As Tendências da Educação Permanente e os Desafios na era da Tecnologia

A educação permanente, caracteriza-se como um processo contínuo de aprendizagem ao longo da vida, que se tornou um imperativo na sociedade contemporânea, especialmente na era tecnológica, marcada por avanços rápidos e constantes, o que exige a necessidade de atualização e adaptação às novas realidades. Nessa esteira, a educação permanente perpassa desafios como acesso e inclusão digital, capacitação de educadores, engajamento e motivação dos alunos, infraestrutura e suporte técnico, consonância entre conteúdo e as ferramentas tecnológicas utilizadas, avaliação e medição de resultados, acesso de todos as ferramentas tecnológicas, integração com o mundo real no contexto da era tecnológica.

De acordo com Camozzato e Costa (2017), a educação permanente, reconhecida como um direito de todos e uma responsabilidade do Estado e da família, tem como objetivo o desenvolvimento integral da pessoa, seu preparo para a cidadania e sua qualificação profissional. Essa abordagem, consolidada na segunda metade do século XX, enfatiza a importância da aprendizagem contínua ao longo da vida. Para Mill (2024), diferentemente do modelo tradicional de educação, frequentemente limitado, que não tem intenção de promover indivíduos crítico e reflexivos na sociedade, a educação permanente reconhece que o aprendizado é um processo incessante e necessário para o desenvolvimento profissional.

A educação permanente está alinhada com a ideia de que o conhecimento e as habilidades devem ser constantemente atualizados para atender às demandas de um mundo em rápida mudança. No contexto contemporâneo, a incorporação das tecnologias de informação e comunicação na educação representa um dos maiores desafios para a implementação da visão de educação permanente. A expansão do acesso à internet e o uso crescente de dispositivos móveis abriram novas possibilidades para a aprendizagem, tornando o conhecimento mais acessível, mas também impondo novas demandas sobre educadores e aprendizes.

Referenciais teóricos como é o caso de Oliveira (2021) e Ambrosim (2024), chamam atenção a respeito de que a tecnologia, por si só, não consegue expandir os caminhos que favorecem as práticas pedagógicas. No entanto, quando aliada a um significativo planejamento, pode garantir eficácia no ensino. Além disso,

Cabe ao professor conduzir os alunos a aperfeiçoarem suas formas de interagir a aplicar a tecnologia como forma a favorecer seu desenvolvimento educacional, tendo em vista que o mesmo possui total acessibilidade as múltiplas vantagens que essa rede pode nos proporcionar (Oliveira, 2021, p. 21).

É válido acrescentar ao exposto, que os conteúdos trabalhados em sala precisam estar relacionados com a tecnologia, ou seja, a introdução tecnológica carece se alinhar as propostas dos conteúdos, considerando os desafios, limites e possibilidades envolvidos nesse processo, sobretudo porque, há uma infinidade de ferramentas que podem enriquecer o processo de ensino e aprendizagem, conhecer as ferramentas e alinhar com as abordagens teóricas é essencial.

É necessário compreender ainda que o educador que faz a diferença na aplicação eficaz desses recursos. Por isso, o professor precisa estar preparado para selecionar, adaptar e integrar a tecnologia de maneira que complemente e fortaleça o currículo escolar. Na visão de Paiva Neto (2024), a formação contínua dos educadores em habilidades digitais é essencial para que possam guiar os alunos de forma crítica e construtiva no uso dessas ferramentas. O autor ainda contribui dizendo:

Para que a utilização pedagógica de tecnologias digitais aconteça com eficácia, recomenda-se que os educadores sejam capacitados para utilizar as tecnologias digitais de forma eficaz e alinhada aos objetivos pedagógicos. Isto envolve não apenas o domínio técnico das ferramentas, mas também a compreensão de como integrá-las de maneira coerente às metodologias de ensino e aos conteúdos curriculares. Aliás, uma abordagem pedagógica eficaz com o uso das tecnologias digitais deve promover o engajamento ativo dos alunos no processo de aprendizagem (Paiva Neto, 2024, p. 12).

Em vez de serem apenas receptores passivos de informações, os alunos devem ser incentivados a explorar, criar, colaborar e resolver problemas utilizando as ferramentas digitais disponíveis. Apesar da tecnologia oferecer diversas vantagens, como acesso instantâneo a informações e a possibilidade de aprendizado personalizado, também é possível apresentar limitações. Entre as limitações podem ser destacadas, problemas técnicos, falta de acesso equitativo e a necessidade de habilidades digitais. Deste modo, a tecnologia deve ser vista como um complemento do processo educativo, com responsabilidade, consciência crítica sobre como, quando e de que forma são usadas.

Com o crescimento acelerado dos mecanismos tecnológicos, é crucial que os alunos desenvolvam competências digitais que vão além do simples uso de dispositivos tecnológicos (Bueno *et al.*, 2024). O que envolve a construção de habilidades como já mencionado anteriormente, a exemplo: pensamento crítico, resolução de problemas, trabalho coletivo e alfabetização digital. Para isso, o papel do professor é fundamental no desenvolvimento dessas competências. Na concepção de Pedro, Santos e Mattar (2020):

As competências digitais podem (e devem) ter sobre si um olhar mais amplo, considerando níveis de análise tanto individuais como coletivos e organizacionais, pelo que o processo de avaliação do nível das competências digitais das organizações pode ser utilizado como um guia de autorreflexão em relação à incorporação das tecnologias educativas nas instituições, assim como para informar os decisores políticos no processo de desenvolvimento, implementação e/ou avaliação de medidas/programas na área da promoção da capacitação digital das suas populações (Pedro; Santos; Mattar, 2020, p. 16).

Desse modo, as competências digitais devem ir além da simples avaliação individual, abrangendo também as dimensões coletivas e organizacionais. Ou seja, não se desenvolvem isoladamente, mas em um ecossistema interligado que envolve instituições educacionais, políticas públicas e práticas organizacionais. Essa abordagem holística não apenas fortalece a implementação de tecnologias de forma mais efetiva, mas também promove uma cultura de inovação contínua dentro das organizações.

Em termos gerais, a educação permanente se constitui como fator proeminente, seja no contexto contemporâneo com os avanços tecnológicos, seja na necessidade de reinventar campo institucional, notadamente pelas transformações socioculturais, pelos processos tecnológicos que tem sido cada vez mais desafiador. Os desafios podem ser vivenciados tanto pelos alunos quanto pelos professores, já que o processo de constituição do conhecimento ocorre de forma coletiva e processual.

Pedagogia na Contemporaneidade dentro e fora da Escola

A humanidade vive numa sociedade muito conturbada, cheia de divisões, no que discerne a educação na contemporaneidade a educação ainda condicionada às paredes da escola, as práticas pedagógicas vão além. Convém ressaltar que a pedagogia funciona também fora da escola, vai ao encontro da comunidade, porque a aprendizagem busca esse conhecimento de forma que haja a participação das famílias do educando e da sociedade numa interação contínua. Assim expressa Cortella (2014, p. 31). “Cada Escola tem de se organizar como uma força-tarefa para impedir que haja uma degeneração na convivência. A clássica frase: “quem sai aos seus não degenera”.

Com razão afirma Werneck (2019, p. 37), quando ele questiona: “de onde vem a sala de aula que conhecemos?” Ele faz um paralelo a uma indústria automobilística do século XX, por dispor as carteiras igual a organização dos carros na indústria, todos enfileirados. Na

continuação fala das mudanças, em que realidade se vive nesta contemporaneidade? Uma realidade apressada? Exaustiva? De curta duração? Onde ele cita a lógica dos estudos em sala de aula, o professor faz a explanação da aula e os alunos exercitam uns com os outros.

Um professor hoje, em qualquer nível de ensino precisa conhecer o funcionamento do cérebro dos humanos, como eles aprendem, e derrubar estruturas de produção em série, elemento mais despersonalizador em qualquer aprendizado (Werneck, 2019, p. 38).

Parafrazeando Werneck “Precisamos abrir cadeados” deixar que nosso profissionalismo se atualize diariamente, olha o que diz o autor em 2019, estamos em 2024, cinco anos depois e ainda há cadeado fechado. Essas mudanças e atualizações não só dos professores, mas, de toda a comunidade escolar. Para acompanhar o novo que chega rápido é necessário que o processo de ensino-aprendizagem aconteça dentro e fora das escolas. Cortella (2015, p. 15) faz um respaldo a coletividade “a Educação edificada na integridade coletiva”. Todos nós somos seres capazes de transformações, dependendo do conhecimento que se adquire no desenvolvimento social e nas relações sociedade-escola. Para isto os educadores precisam estar mergulhados nas novas técnicas de aprendizado, pensar e repensa nas práticas pedagógicas inovadoras.

Em 2018 surgiu a BNCC¹ (Base Nacional Comum Curricular), em que consiste nos fundamentos pedagógicos com foco no desenvolvimento de competências, para que as escolas modificassem os currículos na sua construção envolvendo os órgãos competentes para adotar medidas inovadoras onde os alunos venha a “saber” constituindo seus conhecimentos, habilidades, atitudes e valores e “saber fazer” (considerando a mobilização desses conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, pelo exercício da cidadania e do mundo do trabalho.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BNCC, 2018, p. 14).

¹ BNCC. Base Nacional Comum Curricular: educação é a base, Ministério da educação, [Livro Eletrônico], Brasília, DF: CONSED/UNDIME, 2018.

Cabe lembrar que a proposta de uma base comum curricular é desde a promulgação da Constituição Federal em 1988 em seu artigo 210, para os organizadores há uma grande necessidade de estabelecer “conteúdos mínimos para o ensino, assegurando a formação básica comum” (Moreira, 2021, apud Brasil, 2019). Nesse aspecto ratificado na Lei de Diretrizes de Base n. 9.394/96 e nos documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacional (PCN) e as Diretrizes Curriculares Nacional (DCN). Uma vez que se fala em parâmetros curriculares adentra-se no mais novo modelo de currículo a BNCC (Moreira, 2021 apud Silva, 2019).

Diante deste documento as escolas só atualizam o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), a partir desse contexto a criatividade dos funcionários para desenvolver o currículo dentro da escola, mas que leve a ser posto em prática dentro e fora do ambiente escolar.

Exercício da pedagogia em espaços não escolares: de Paulo Freire a Jacques Delors

Existe uma pedagogia da autonomia possível a ser trabalhada fora da sala de aula e dos espaços escolares? A pedagogia ambiental, realizada em contato direto com o meio ambiente por meio de várias experiências é certamente uma possibilidade e um caminho didático de nos conectar as questões ambientais e também sociais. É um caminho a ser pensado, ponderado e considerado, sobretudo num momento em que a vida humana diante de graves problemas ambientais do presente, nos faz ligar o sinal de alerta para os rumos que o planeta terra está seguindo.

Pedagogia verde, pedagogia ambiental, pedagogia climática, pedagogia crítica, seja qual for a denominação dada ao exercício pedagógico fora da sala de aula e em contato com a natureza, se faz necessário e urgente pensar na atividade pedagógica em espaços não formais de ensino. Encontrar no meio ambiente um espaço como alternativa lúdica para se aprofundar nas temáticas dos conhecimentos curriculares é certamente uma saída possível para os trágicos caminhos que o mundo atual resolveu trilhar.

Sob a perspectiva contextualizada de Paulo Freire, é possível nos propormos ler e escrever o mundo a partir do meio ambiente. Sendo assim, uma possibilidade possível, sob o desafio pedagógico de desconstruções de ideias e práticas pedagógicas de uma lógica educacional vigente, a qual Paulo Freire chamaria de “educação bancária”. A pauta “verde” estaria para além das demandas de mercado, para além do imediatismo consumista, para além do PIB, e das expectativas especulativas do mercado financeiro.

Reler e Reescrever o mundo sem perder de vista a justiça social e o progresso coletivo das sociedades só é possível se estivermos, primeiros apoiados numa prática pedagógica que promova a autonomia de pensamento, e que essa autonomia nos permita olhar o mundo, pelas lentes profundas de nossa ancestralidade. Pois os saberes ancestrais estão além de nosso recorte histórico. Eles nos apontam horizontes existenciais e sociais. Estes saberes bravamente resistem, mesmo com o passar do tempo. É preciso então dialogar com o meio ambiente para compreender o que temos a aprender para nos melhorar enquanto pessoas, sociedade e mundo.

O processo de releitura e reescrita de mundo através da educação é libertador, mas também atende ao rigor necessário que a história e a cultura nos exigem. Seguem então os 4 pilares da educação recomendados pela UNESCO e que podem ser trabalhados no meio ambiente como alternativa aos espaços escolares.

A seguir, temos os quatro pilares da educação proposta pela UNESCO através de Jacques Delors. Estes pilares vão de encontro a construção de uma educação significativa e crítica.

O aprender a conhecer compõe o primeiro grande pilar ser perseguido pelo pensamento autônomo:

1º O Aprender a conhecer (Aprender a Aprender)

“Este pilar versa sobre a compreensão do mundo que habitamos e de nós mesmos, do objetivo de se viver dignamente, da necessidade de se desenvolver capacidades apropriadas a realidade atual, voltadas ao raciocínio lógico com autonomia. Assim, desde tenra idade, é imprescindível se despertar o interesse por novas descobertas, instrumentalizando o conhecimento com paradigmas atualizados.

O conhecimento evolui de forma rápida e em várias direções, o que torna quase impossível o conhecimento total. O indicado por este pilar do aprender a conhecer é buscar a ampla cultura geral e colocar o foco em determinados assuntos de interesse, aprofundando os detalhes para torna-los ótimos. A cultura geral permite facilitar a comunicação, quando já se tem o conhecimento de outras linguagens. Com o conhecimento aprofundado em outras linguagens, o indivíduo sente a facilidade de comunicação e interação com as outras pessoas e, poderá se manter cooperativo em quaisquer circunstâncias.” (Delors, 1998, p.127).

Há questões que são da ordem da experiência. Do saber da tradição e popular. O aprender a fazer é o segundo caminho sugerido pelo documento da UNESCO para a educação do século XXI:

2º O Aprender a fazer

“Como ensinar o aprender a fazer a partir do aprender a conhecer que é evolutivo e incerto? Se falamos em evolução o ensinar a fazer adquire variadas conjunturas. Assim, as aprendizagens também são evolutivas embora as de rotina pedagógica continuem a ter o valor formativo, o que não pode ser negligenciado, pois compõe sua competência pessoal.

A competência pessoal faz com que o conhecimento inteligente se coloque em prática, o qual é valorizado no fazer. Não basta fazer, é preciso ser criativo e inovador, fazer por sua inteligência estudada e organizada com que as máquinas se tornem mais inteligentes, facilitando o trabalho e ganhando em produção.” (Delors,1998, p.127)

A educação bancária nos afasta do sentimento de pertencimento ao estimular excessivamente o caráter individualista da educação. Enquanto o aprender a conviver, busca o caminho inverso:

3º O Aprender a conviver, viver juntos, aprender a viver com os outros

“Como participar na criação do futuro? Aprendendo a conviver. A viver e a trabalhar junto a outros, apresentar proposições, participar de planos e projetos, comemorar conquistas, na família e no trabalho, esta é a direção do aprendizado fundamental. No educacional o mesmo aprendizado se aplica. Portanto, é imprescindível o aprender a viver com os outros, com respeito à dignidade, diversidade, competências de um e de outro e excluir “Bullying” do convívio social. Trabalhar em projetos de interesse comum, o que implica em nova postura perante a si mesmo, o outro e a realidade.

A descoberta do outro permite nos conhecermos melhor, porquanto envolve atuar no campo das atitudes e valores. A empatia entra nesse jogo, conhecendo a si mesmo é possível colocar-se no lugar do outro e aprender que a convivência pacífica pode ser o caminho para a conquista de um futuro melhor. O aprofundamento no ensino da diversidade religiosa, étnica e cultural pode ser fundamental para este aprendizado, pois o conhecimento é instrumento ativo na mudança de paradigmas comportamentais” (Delors,1998, p.128)

O quarto e não menos importante aspecto, é o do aprender a ser:

4º O Aprender a Ser

“Para Kant, no fim do século XVIII: O homem é a única criatura que precisa ser educada, e continua Charlot (2000), o homem nasce inacabado, precisa fazer-se por si mesmo, é frágil, mas possui plasticidade, não é como o animal irracional definido pela espécie, então vai se definindo ao longo de sua história.

O relatório apresentado para a UNESCO alerta que a educação seja processo contínuo, ao longo da vida, em constante atualização e que vise a qualidade total. Desta forma, o aprender a ser contribui com a formação integral do indivíduo, em todos os setores do conhecimento, quais sejam, inteligência, habilidades para o pensar e com critérios do raciocínio lógico, da argumentação fundamentada na cultura, nas diversidades e no conhecimento científico” (Delors,1998, p.128).

Conclusão

Tendo em vista os aspectos mencionados pode-se concluir que educar e aprender são aspectos recíprocos e dinâmicos. No entanto, é necessário reconhecer que nem sempre as iniciativas concorrem para uma autêntica educação. Estruturas são inventadas para manter a monotonia, a escuridão do saber. Em diversos momentos a educação serviu a direções estabelecidas em nome do poder e não de cada pessoa. Assim, a pesquisa teve como objetivo identificar algumas dessas mazelas, e a partir da problemática analisar possíveis soluções.

Uma destas soluções que precisa ser salientada perpassa pelo pensamento de Paulo Freire, que segundo ele deve-se ter aversão ao comportamento de submissão gerada por uma educação dominante, que exige a indiferença de si mesmo. Para que isto aconteça é preciso usurpar a educação que preze pela autonomia. Gerando deste modo indevidos que não pensem e reverencie a ignorância.

É necessária uma educação contínua, mas a serviço do indivíduo e do bem comum, ela está em desserviço quando é elaborada para manter estruturas que não faz o educando pensar. O ambiente escolar é muito importante para o desenvolvimento do indivíduo, o desenvolvimento de valores, da cidadania. No entanto, não devemos esgotar as possibilidades, pode-se aprender com o meio ambiente, em casa... E saber disso é importante para aproveitar o tempo de aprender que acontece a cada instante.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2017.

AMBROSIM, Inês. A tecnologia nas práticas pedagógicas da educação. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 7, p. 1-12, 2024.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**, Ministério da Educação, [Livro Eletrônico], Brasília, DF: CONSED/UNDIME, 2018.

BUENO, Andréia, *et al.* A tecnologia como possibilidade para uma educação cidadã. **Revista Amor Mundi**, v. 5, n. 2, p. 155-160, 2024.

CAMOZZATO, Viviane Castro; COSTA, Marisa Vorraber. A educação permanente e as impermanências na educação. **Educar em Revista**, n. 1, p. 153-169, 2017.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**, São Paulo: Cortez, 2014.

CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, convivência e ética: audácia e esperança!** São Paulo: Cortez, 2015.

DELORS, J. **Educação um Tesouro a Descobrir**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.

MILL, Daniel. Transformação digital e educação híbrida na América Latina: um olhar sobre desafios e estratégias. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. v.40, e52423. 2024.

MOREIRA, Eliza Fernandes. **A BNCC nas escolas públicas e privadas de Mossoró/RN, sob a perspectiva da equipe gestora e corpo docente**, Mossoró-RN: 2021.

OLIVEIRA, Francisco Thiago Medeiros de. **Dificuldades e potencialidades da apropriação de dispositivos móveis nas práticas dos professores**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Computação) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas/PB, 2021.

PAIVA NETO, Julio Fernandes. As tecnologias digitais no contexto escolar: riscos, regras, normas, cidadania na utilização. **Revista Tópicos**, v. 2, n. 10, p. 1-12, 2024.

PEDRO, Neuza; SANTOS, Cassio; MATTAR, João. Competências digitais na educação: uma visão global. *In*: PEDRO, Neuza; SANTOS, Cassio; MATTAR, João (coord.). **Competências digitais: desenvolvimento e impacto na educação atual**. Instituto de Educação – Lisboa, 2020. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/59595/1/EXXI_NPedroCSantosJMattar_CompetenciasDigitais_EBOOK.pdf. Acesso em: 12 jul. 2024.

WERNECK, Hamilton. **Desaprender reaprender desobedecer**, Rio de Janeiro: Wak, 2019.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

MOREIRA, Eliza Fernandes; TORRES, Francieudo da Silva; ROLIM, José Roberto Moura; MORAIS, Ronney Costa de. Espaços Não Escolares e a Educação Permanente como possibilidade da Autenticidade do Ser Humano. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2024, vol.18, n.73, p.1-11, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 06/09/2024; Aceito 19/09/2024; Publicado em: 31/10/2024.